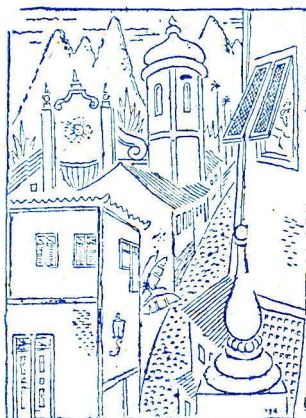


232

OURO PRÊTO

MINAS GERAIS

Edição comemorativa do 250.^o aniversário



IBGE — CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

OURO PRÊTO

MINAS GERAIS

- ☆ *ASPECTOS FÍSICOS* — Área: 1 194 km² (1956); altitude: 1 150 m.
 - ☆ *POPULAÇÃO* — 32 553 habitantes (Estimativa do Departamento Estadual de Estatística para 1959).
 - ☆ *ATIVIDADES PRINCIPAIS* — Extração de ferro e manganês, metalurgia, cultivo de milho, batata-inglesa e chá-da-índia.
 - ☆ *ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS* — 2 agências.
 - ☆ *VEÍCULOS REGISTRADOS* (Na Prefeitura Municipal) — 78 automóveis e 127 caminhões.
 - ☆ *ASPECTOS URBANOS* (sede) — 1 691 ligações elétricas, 249 aparelhos telefônicos, 3 hotéis, 8 pensões, 1 cinema e 1 teatro.
 - ☆ *ASSISTÊNCIA MÉDICA* (sede) — 1 hospital geral com 107 leitos; 9 médicos no exercício da profissão.
 - ☆ *ASPECTOS CULTURAIS* — 64 unidades escolares de ensino primário geral, 6 de ensino secundário, 1 de ensino normal, 1 de ensino industrial, 1 escola de farmácia e 1 de minas e metalurgia. 2 tipografias, 3 livrarias, 10 bibliotecas.
 - ☆ *ORÇAMENTO MUNICIPAL PARA 1959* — (milhares de cruzeiros) — receita total: 5 500; receita tributária: 2 632; despesa: 5 500.
 - ☆ *REPRESENTAÇÃO POLÍTICA* — 13 vereadores em exercício.
-

Texto de Erasmo Catauli Giacometti, da Diretoria de Documentação e Divulgação do CNE. Desenho da capa de Santa Rosa.

HISTÓRIA

DEVE-SE ao espírito intrépido e aventureiro dos bandeirantes paulistas o início do povoamento de Minas Gerais em fins do século XVII. Os sertões das Gerais, que viriam integrar o território do país em formação, atraíam então inúmeras expedições, em busca de ouro e pedras preciosas, ou de índios para o trabalho escravo em São Paulo.

Com o propósito de aprisionar indígenas, partiu de Taubaté, por volta de 1694, uma expedição rumo ao sertão dos Cataguases. Fazia parte do grupo o mulato Duarte Lopes, que já havia trabalhado nas minas de Paranaguá e Curitiba. A expedição acampou no local denominado então Sêrro do Tripuí. No tôpo de uma daquelas montanhas elevava-se uma pedra enorme e, logo abaixo, outra menor. Era o Itacolomi, que iria depois servir de ponto de referência para o reencontro do sítio onde Duarte Lopes descobriu, por obra do acaso, o ouro da região.

Duarte Lopes desceu do alto do Tripuí para beber água no córrego hoje denominado Antônio Dias e, conforme conta Antônio, “metendo a gamela na ribanceira para tirar a água e roçando-a pela margem do rio, viu que nela depois ficaram uns granitos da côr do aço, sem saber o que eram, e nem os companheiros”. Levados êsses granitos negros para Taubaté, foram vendidos a um certo Miguel de Sousa, que os mandou depois ao Governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Meneses. Examinados, verificou-se tratar-se de “ouro finíssimo”, ouro preto.

No entanto, agora restava apenas um marco para o ouro do Tripuí: o pico do Itacolomi. Diversas bandeiras o procuraram àvidamente sem conseguir, no entanto, localizá-lo. Coube a Antônio Dias de Oliveira a sorte de defrontá-lo no dia 24 de junho de 1698. Sua expedição havia chegado ali na véspera, ao anoitecer, e ao instalar o acampamento, seus componentes não

Fachada principal da Escola de Minas



suspeitavam que estavam diante do pico descrito por Duarte Lopes, oculto àquela hora pelas nuvens que habitualmente o escondem. Ao amanhecer, o Itacolomi surgiu no outro lado do vale, nitidamente desenhado contra o céu limpo. "Foi nessa madrugada", diz Diogo de Vasconcellos, "que realmente se fixou a era cristã das Minas Gerais".

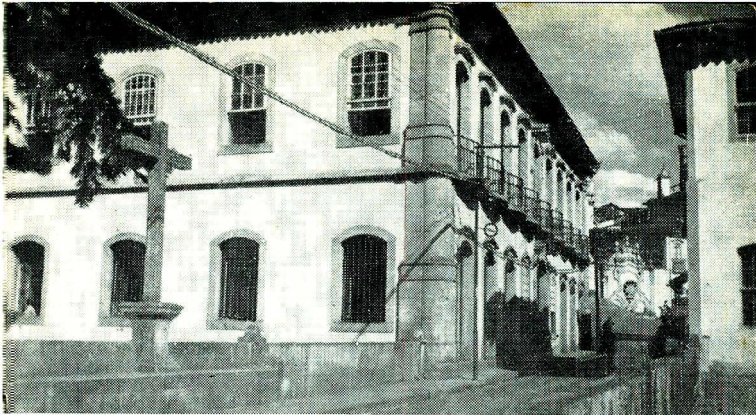
Enviada a notícia para Taubaté, chegaram no ano seguinte ao sêro do Tripuí novos bandeirantes. Acompanhava-os o padre João de Faria Fialho, que rezou, numa capela de palha dedicada a São João, a primeira missa do nascente povoado, para onde começou, daí por diante, a afluir grande número de aventureiros.

De 1700 a 1701 a fome grassou entre aqueles homens àvidamente entregues à extração do ouro, única atividade em que se ocupavam. Muitos dêles, então, deixaram as minas do Tripuí e partiram em busca de novas descobertas. Antônio Dias de Oliveira e o padre João de Faria também abandonaram suas datas e não mais regressaram.

Em 1704, Pascoal da Silva Guimarães, mascate português procedente do Rio das Velhas, onde havia enriquecido, iniciou, na serra por onde passa hoje o caminho das Lajes, a mineração pelo processo de lavagem do barranco. O ouro, da melhor qualidade, surgiu ali em abundância, como terra. Novas levas de aventureiros àvidos invadiram o local, povoando-o rapidamente.

De 1707 a 1709, as minas viveram dias de grande agitação. Os paulistas revoltaram-se contra a concessão de terras e minas aos *emboabas*, como denominavam os portugueses, e aos brasileiros do Norte, alcunhados de *baianos*. Esses dois grupos deram origem à Guerra dos Emboabas. Após inúmeras lutas, que tumultuaram os povoados das Minas, coube, finalmente, a vitória aos portugueses.

Treze anos depois da chegada da bandeira de Antônio Dias de Oliveira ao Sêro do Tripuí, era já considerável o progresso do arraial das Minas, surgindo assim a necessidade de sua elevação à categoria de vila. No dia 8 de julho de 1711, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, criava a Vila Rica de Albuquerque. Pouco depois, esse nome foi sim-



Ponte e Casa dos Contos

plificado para Vila Rica, conforme ordem do Governo de D. João V, que não concordou com a denominação, dada sem prévia licença régia.

Por volta de 1720 entrava Vila Rica em fase de grande prosperidade quando foi abalada por violentos distúrbios. A 11 de fevereiro de 1719, D. João V criou, no distrito das Minas, as *casas de fundição*, onde todo o ouro extraído tinha que ser fundido, para sofrer então uma dedução correspondente ao quinto para a Coroa, às despesas de fundição e a outras taxas. A Lei de D. João V proibia, também, a circulação do ouro em pó. Este novo sistema de cobrança dos quintos provocou, entre os habitantes da vila, uma revolta, que foi abafada pelo conde de Assumar, então Governador da Capitania. Felipe dos Santos, chefe dos revoltosos, foi prêso, julgado sumariamente, enforcado e esquartejado. O próspero arraial do Ouro Podre, pertencente a Pascoal da Silva, foi inteiramente incendiado.

Mas a força do ouro, que aflorava fácil e abundante, continuou a impulsionar o progresso rápido de Vila Rica.

Em 1789, causou descontentamento geral no povo a chegada do visconde de Barbacena, que ali fôra com o propósito de proceder à cobrança dos quintos, cujo déficit era já superior a 500 arrôbas de ouro. O lançamento da derrama deu origem à revolta que passou à história com o nome de Inconfidência Mineira. O grupo de conspiradores, composto de homens cultos e influentes, e que tinha no Alferes Joaquim José da Silva Xavier — o *Tiradentes* — seu mais ardoroso adepto, foi traído e denunciado pelo coronel Joaquim Silvério dos Reis. Presos os chefes do movimento, Tiradentes foi enforcado e esquartejado no Rio de Janeiro e

sua cabeça exposta num poste em Ouro Prêto, na praça que tem atualmente seu nome. Outros elementos do grupo, entre os quais se encontrava o poeta Tomás Antônio Gonzaga, foram degredados para a África; Cláudio Manuel da Costa suicidou-se na prisão da Casa dos Contos e os sacerdotes cumpriram sentença em conventos de Lisboa.

No início do século XIX a extração do ouro, que há muito vinha decrescendo, entrou em decadência. Vila Rica começou, então, a voltar-se para outras fontes de riqueza da região. Em 1811 Eschwege inicia, com amparo oficial, a construção da fábrica de ferro do Prata, distrito de Congonhas do Campo, então Município de Ouro Prêto, a qual entrou em funcionamento em 1812. Nessa mesma época existia em Ouro Prêto uma manufatura de faiança, que mereceu de alguns observadores estrangeiros (Saint-Hilaire e Mawe) os melhores elogios. Esta indústria, no entanto, desapareceu. Mas a siderurgia e outros ramos industriais se desenvolveram e mantiveram sempre o equilíbrio da economia do Município.

Declarada a independência do Brasil, Vila Rica foi elevada, por decreto de 24 de fevereiro de 1823, a cidade capital da província de Minas Gerais. A carta imperial de 20 de março do mesmo ano confirmou aquêle decreto, mudando-lhe o nome para Ouro Prêto e conferindo-lhe o título de Imperial Cidade.

Ouro Prêto permaneceu como Capital do Estado de Minas até 12 de dezembro de 1897, quando a Capital foi transferida para Belo Horizonte.

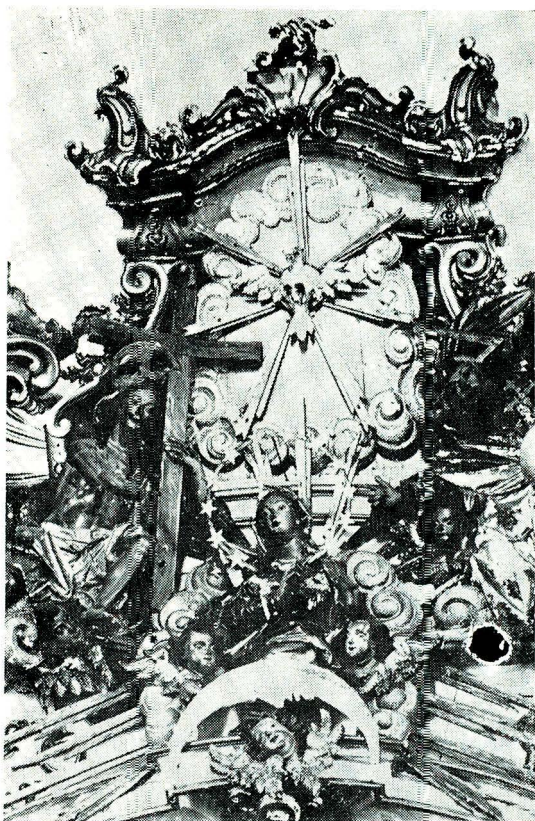
Festejará, em 8-VII-1961, seu 250.º aniversário.

O Decreto federal n.º 22 928, de 12 de julho de 1933, declarou Ouro Prêto monumento nacional.

O Município é constituído de 10 distritos: Ouro Prêto, Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Miguel Burnier, Santa Rita do Ouro Prêto, Santo Antônio do Leite e São Bartolomeu.

FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

A COMARCA de Vila Rica foi criada a 8 de julho de 1711, recebendo a designação de Ouro Prêto por força da carta imperial de 20 de março de 1823.



Detalhe da Santíssima Trindade (escultura do Aleijadinho, na igreja de São Francisco de Assis)

Atualmente a comarca de Ouro Preto compreende dois têrmos: Municípios de Ouro Preto e de Ouro Branco, êste último criado pela Lei Estadual n.º 1 039, de 12 de dezembro de 1953.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA

OURO PRETO está situado na Zona Fisiográfica Metalúrgica do Estado. A sede municipal dista, em linha reta, 68 km de Belo Horizonte — direção 41º 59" SE — e suas coordenadas geográficas são as seguintes: 20º 23' 28" de latitude sul e 43º 30' 20" de longitude W. Gr.

CIDADE MONUMENTO

A FEIÇÃO urbana de Ouro Prêto não resultou de qualquer planejamento técnico.

As casas foram levantadas umas pegadas às outras, formando, praticamente, um bloco único ao longo das calçadas estreitas. Lembram a casa portuguesa, embora apresentem características próprias, determinadas por diversos fatores: o espírito do mineiro da época, o clima, o material, a condição econômica. A arquitetura colonial de Ouro Prêto, tal como a vemos hoje, começou a ter caráter permanente e um estilo próprio no século XVII, e foi nesse mesmo século que ela mais se desenvolveu.

A construção civil dessa época perdura praticamente intacta até hoje. Casas de dois andares, com janelas retangulares guarnecidas de pedras e ombreiras de madeiras, bandeiras com desenhos variados, vidraças e guilhotina, rótulas, balcões e sacadas com grades de ferro forjado e madeira torneada, telhados velhos e sinuosos, com beirais e cornijas, velhos oratórios e luminárias nas esquinas.

A cidade, no entanto, não apresenta aspecto de decadência. Suas residências, prédios públicos, igrejas e chafarizes exibem uma vitalidade que parece ainda disposta a enfrentar o futuro. Com quase dois séculos de existência, essa arquitetura não parece sentir o peso dos anos, que ficaram apenas marcados na forma e nas linhas da cidade antiga. A cidade de Ouro Prêto só conseguiu isto: trazer intacta até o presente a imagem viva e encantadora de sua criação original. E assim, protegida por leis e pela índole conservadora do mineiro, a cidade preserva sua feição colonial, seus tesouros artísticos, seus monumentos históricos. Hoje, Ouro Prêto é, para quem a visita, um caminho de retorno ao passado.

A bibliografia sobre Ouro Prêto e seus monumentos é vasta. O visitante pode dispor, ho-

Aspecto parcial da cidade





Desenho de Tarsila

je, do “Guia de Ouro Prêto”, de Manuel Bandeira, onde encontrará informações preciosas e completas sôbre a cidade, sua história, seus monumentos e seus aspectos curiosos.

AS IGREJAS

A ARTE barroca de Ouro Prêto, presente em tôdas as suas igrejas, atingiu seu maior esplendor no século XVIII, quando foram construídos os principais templos, tendo quase todos contado, em sua construção, com a arte de Antônio Francisco Lisboa — o Aleijadinho.

Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (Matriz) — Construída em torno da primitiva capela, erigida por Antônio Dias em 1699. Construção iniciada em 1727 e concluída depois de 1760, quando a talha de altar-mor foi contratada com Felipe Vieira. Foi projetada e construída sob a responsabilidade de Manoel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho. No interior da igreja há oito altares laterais com admiráveis relevos em madeira, apresentando motivos ornamentais diferentes. Encontram-se aí belos exemplos da torêutica barroca, destacando-se as imagens de S. Francisco de Paula e S. Roque. No altar-mor desperta especial atenção uma alegoria apocalíptica acima do retábulo (uma fortaleza da qual surge uma águia que tem por cima a coroa de rainha, significando o Cristo nascido da Virgem) e, no alto do trono, a imagem da Conceição, modelada segundo a Conceição de Murilo e doada em 1893 pelo Coronel Cícero Pontes. Nesta igreja foi sepultado o Aleijadinho, falecido a 18 de novembro de 1814.

Nossa Senhora do Pilar (Matriz do Fundo de Ouro Preto) — Sob desenhos e direção do arquiteto Pedro Gomes Chaves, foi a obra iniciada, em torno da primitiva capela, por volta de 1720. As torres, entretanto, só foram terminadas em 1848. Em seu interior tudo é dourado, mesmo aquilo que o óleo coloriu posteriormente. A nave dispõe de seis altares laterais e é toda cercada de camarins com balaustrés torneados de jacarandá. Alguns autores incluem os elementos decorativos do barroco dessa igreja entre os mais genuínos e mais ricos dos existentes em Minas Gerais. Os altares laterais, elaborados em magnífica talha dourada, apresentam anjos bem proporcionados e envoltos em folhagens. O altar-mor (obra de talha de Francisco Xavier Brito) é também ornamentado com anjos e folhagens em ascensão para o tímpano, sobre o qual assenta a representação da Trindade. No teto e nas paredes vêem-se painéis reproduzindo cenas bíblicas. A igreja possui ainda belíssimos paramentos e móveis de grande valor.

Igreja do Carmo — Construção iniciada em 1766 e concluída em 1772, sob projetos de Manoel Francisco Lisboa. São dignos de nota nesta igreja as esculturas em pedra-sabão e talhas em madeira, os painéis de azulejos de legítima faiança pombalina com pinturas alusivas aos episódios sacros da Ordem. As pinturas do teto são do pintor Ângelo Clérici, e as esculturas da fonte da sacristia, do pórtico em pedra-sabão e dos arcos do coro, são do Aleijadinho, assim como os dois altares laterais de S. João e de N. S.^a da Piedade. O risco e a douradura do altar-mor foram executados pelo alferes Manuel da Costa Ataíde. Possui a igreja do Carmo belos móveis, como os bancos e a cômoda da sacristia. Merecem especial atenção as portas interiores e as alfaias.

Igreja do Rosário (N. S.^a do Rosário dos Pretos da Freguesia de N. S.^a do Pilar) — O projeto é atribuído a Antônio Pereira de Sousa Calheiros. Construída na segunda metade do século XVIII, destaca-se esta igreja pela sua forma, em que predominam as linhas curvas em seus três corpos. Lourival Gomes Machado assim a descreve: "Sua fisionomia externa, mesmo em pedra-sabão e medalhões elaborados, enquadra-se no barroco e constitui apenas uma ousadia arquitetônica..." A atual igreja foi construída em substituição à



Igreja Matriz de N. S. da Conceição

primitiva capela, erigida em 1709. Dessa capela permanecem ainda no interior do templo o frontal do altar-mor, as duas credências que estão no supedâneo e, no oratório da sacristia, as imagens de N. S.^a do Rosário, de St.^a Efigênia e São Benedito. Do livro de compromisso, atualmente no Museu da Inconfidência, são os seguintes dados que sugerem o histórico da Irmandade Negra: “Toda pessoa preta, ou branca, de um e outro sexo, fôro ou cativo, de qualquer nação que seja, que quizer ser Irmão desta Irmandade irá à mesa do Escrivão da Irmandade pedir-lhe faça assentamento...” E mais adiante: “Haverá nesta Irmandade hu Rei e hua Rainha, ambos pretos de qualquer nação que sejam, os quais serão eleitos todos os anos...”

Igreja de Santa Efigênia (N. S.^a do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz do Padre Faria) — Ignora-se o autor do projeto. Há duas datas no frontispício, uma na peanha da imagem de N. S.^a do Rosário (1762) e outra na cruz no alto da fachada (1785). Possui o relógio mais antigo da cidade. Diogo de Vasconcelos, depois de informar que o velho relógio custou, em 1762, 290\$000, acrescenta: “Passam as gerações,

o tempo muda, a sorte se altera, mas êle continua sereno, sem correr nem parar, num tom de duração, que parece eterno, a dar as suas horas, que tôda a cidade ouve, como já as ouviu a Vila Rica de outrora". No interior destacam-se a talha de tapavento, obra de João Paulo Meira, os painéis da capela-mor, representando S. Luís e S. Francisco orando aos pés de Jesus crucificado, as pinturas do teto, representando os evangelistas, o altar-mor, com as imagens de Santo Elesbão, S. Camilo, Santa Efigênia e a primitiva N. S.^a do Rosário. A estranha história do Chico Rei está ligada à construção desta igreja: rei na África, foi aprisionado e transformado em escravo com tôda a sua tribo; ao chegar a Ouro Prêto, para o trabalho nas minas, só lhe restava um filho, pois o resto de sua família morrera na travessia do Atlântico. Com trabalho, perseverança e energia Chico Rei forrou o filho e os sobreviventes de sua tribo, que por sua vez ajudaram a forrar outros vizinhos da mesma nação. Fundaram um "Estado", onde Chico era o rei; sua nova espôsa, a rainha; seu filho, o príncipe; sua nora, a princesa. Pertencia então, à coletividade, a riquíssima mina da Encardeira. Adotaram como padroeira Santa Efigênia, a cuja imagem prestavam culto na capela de N. S.^a do Rosário. No dia 6 de janeiro o rei, a rainha e os príncipes, vestidos como tais, eram conduzidos à igreja para assistir à missa. Nessa época, as negras iam às festas do reinado com os cabelos recobertos de ouro em pó e, numa pia de pedra, que ainda hoje existe à entrada da igreja, lavavam a cabeça, entregando assim seu donativo anual.

Nossa Senhora das Dores — Eis o que diz dessa igreja Manuel Bandeira, em "Guia de Ouro Prêto": "Autoria desconhecida. Construção começada em 1788. Desprovida de interesse histórico ou artístico. Possui uma torre central, que, arruinada, foi substituída por uma sineira de vêrga em semi-círculo. A primitiva imagem de N. S.^a das Dores, de dois palmos, veio de Braga e foi feita pelo padre Manuel Martinho Pereira; a atual, de seis palmos, veio também de Braga. No consistório existe uma bela imagem antiga de N. S.^a da Piedade. No altar-mor, o único, há uma banqueta de seis castiçais de talha dourada e duas belas mesas de estilo D. João V".

Nossa Senhora das Mercês e Perdões (Mercês de Baixo) — Concluída em 1772 e recons-



Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz

truída em meados do século XIX. O altar-mor data de 1890. O livro da Receita e Despesa da Ordem registra o pagamento, em 1775, de seis oitavas de ouro ao Aleijadinho por trabalho executado para a igreja. Consta tratar-se da primitiva capela-mor. O mesmo livro registra o pagamento feito a Costa Ataíde por trabalho ainda não identificado. Manoel Bandeira aconselha o visitante a procurar o sacristão Manuel de Paiva, que substitui seu pai, de quem ouviu informações curiosas. Conta êle que os quatro altares laterais vieram de uma igreja incendiada em Rio das Pedras e que os castiçais coroados de anjinhos são do tempo da capelinha do Bom Jesus dos Perdões.

Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia (Mercês de Cima) — Construção iniciada em 1771. A fachada atual foi modificada em 1793, depois de concluída a igreja, desfigurando assim sua parte interna, conforme Manuel Bandeira. À entrada desperta atenção o medalhão da portada em lavra de pedra-sabão, representando a Virgem com os braços abertos, estendendo o manto de proteção aos cativos dos mouros, segundo o sonho do fundador da Ordem, São Pedro Nolasco. Há quatro altares laterais, onde se encontram as velhas imagens de N. S.^a dos Remédios, S. João Batista, N. S.^a

do Rosário, Santa Luzia e S. José. No trono do altar-mor, a primitiva imagem de N. S.^a das Mercês. Os painéis da sacristia são recentes, pintados por Ângelo Clérici.

São Francisco de Assis — “Obra perfeita e acabada, a igreja de S. Francisco de Assis desta cidade não tem rival”, diz Diogo de Vasconcelos. Construção iniciada e concluída entre 1765 e 1810. Projeto de Antônio Francisco Lisboa — o Aleijadinho — cuja arte atingiu, neste templo, segundo alguns autores, seu ponto mais alto. É de sua autoria o risco da portada, trabalho realizado em pedra-sabão, composto de dois medalhões, um com as cinco chagas e outro com os cinco dados, embaixo de outro medalhão maior onde se vê a imagem de N. S.^a da Conceição. Acima está fixada uma coroa de rainha. No alto da fachada, em um medalhão circular e guarnecido de ornatos aparece S. Francisco, de joelhos recebendo os estigmas no Monte Alverne. No interior, o painel do teto da nave, representando a glorificação da Virgem, é obra de Manuel da Costa Ataíde. Dêste pintor são também as outras pinturas da nave e as da capela-mor, representando os episódios capitais da vida de Abraão, papas que pertenceram à Ordem, uma Ceia e um lava-pés. Cinco telas que revestem o teto da sacristia (S. Francisco levado ao céu pelos anjos, S. Maria Egípcíaca, Madalena e São Francisco) são atribuídas, por Diogo de Vasconcellos, a Ataíde. O tapa-vento é trabalho de Manoel Gonçalves e entre os entalhadores que executaram os seis altares laterais incluí-se José Pinto de Souza. No altar-mor são dignos de nota a composição da Santíssima Trindade, que encima o retábulo, e o baixo-relevo do frontal da urna. Tôda a capela-mor (barrete do teto, tribuna, altar-mor, retábulo dêste, púlpitos) são do Aleijadinho. Na Sacristia, destaca-se a fonte em pedra-sabão, representação simbólica da Ordem de São Francisco.

São Francisco de Paula — Templo dos mais recentes da cidade. Construção iniciada em 1804 e terminada em 1878. Segundo Diogo de Vasconcelos, entretanto, êle só ficou inteiramente concluído em 1904. Situado no alto de uma colina, é visto de quase todos os pontos de Ouro Preto, com sua larga escadaria de pedra ladeada por quatro estátuas dos Evangelistas em louça de Santo Antônio do Pôrto. Manuel Bandeira inclui o tapa-vento desta igre-



Igreja de N. S. do Rosário

ja entre os mais belos de Ouro Preto. Dispõe de seis altares laterais, que não apresentam a mesma riqueza de talha das outras igrejas. O altar-mor, de talha simples, apresenta imagem de S. Francisco de Paula, obra do Aleijadinho, ladeada por imagens em roca de S. Francisco de Assis e Santa Mônica.

Senhor Bom Jesus de Matozinhos (S. Miguel e Almas) — Não existem informações sobre sua construção. Furtado de Meneses informa que existe nesta igreja um livro aberto e rubricado por Tomás Antônio Gonzaga em 4 de janeiro de 1785. Consta desse livro que a capela era dedicada aos SS. Corações de Jesus, Maria, José, Senhor dos Matozinhos, S. Miguel e Almas. A portada de Matozinhos, obra do

Aleijadinho, é das mais belas de Ouro Preto. Trabalho em pedra-sabão, apresenta a imagem de S. Miguel Arcanjo dentro de um nicho e sob êste um baixo-relêvo representando o Purgatório. No interior são dignas de nota duas pinturas de Manuel da Costa Ataíde — uma Ceia e uma Crucificação. Na capela impressiona o visitante a imagem do Senhor no Sepulcro, em cuja fisionomia “estampa-se o poder da morte irresistível, e despótica, no próprio Deus” — segundo palavras de Aníbal Matos.

São José — Construção iniciada depois de 1752 e concluída em 1811, em substituição à capela primitiva. Em 1885 esta igreja foi reparada e o pintor Ângelo Cléreci encarregado da pintura e douramento do altar-mor. São dêste mesmo artista as pinturas da sacristia, onde se encontra um interessante lavabo. Conforme documento existente no Museu da Inconfidência, foi Juiz da Irmandade Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, que contribuiu para as obras da igreja com um risco para o retábulo da capela e outro para a torre. Repousam no cemitério desta igreja os restos mortais do poeta Bernardo Guimarães.

AS CAPELAS

Capela do Padre Faria — Construída em meados do século XVIII. Furtado de Meneses a inclui entre as igrejas mais primorosas de Ouro Preto. Referindo-se ao altar-mor, assim se expressa Diogo de Vasconcelos: “é a jóia mais rica da cidade, para não me levarem em conta de exagerado compará-la a uma chapa de ouro aberta por anjos em maravilha de talha”. À frente da capela existe uma bela cruz pontificada, com 8,52 m de altura, e que traz a data de 1756.

Nossa Senhora das Necessidades — Ignora-se a data de sua construção. Está fechada há mais de cem anos. A imagem da padroeira encontra-se atualmente na capela do Padre Faria.

Nossa Senhora da Piedade — Na peanha da cruz lê-se a data de 1720. Está localizada entre as ruínas do arraial incendiado de Pascoal da Silva. Os altares laterais apresentam belo trabalho de talha. Conservam-se as primitivas imagens em madeira de Santana, N. S.^a do Rosário e N. S.^a do Carmo.



Igreja de São Francisco

Nossa Senhora da Piedade do Morro do Cruzeiro — Construída na segunda metade do século XIX e reconstruída em 1908. Atualmente está em ruínas. A antiga imagem de N. S.^a da Piedade encontra-se hoje na igreja de S. Francisco de Paula.

Santana — Incluída entre as mais antigas de Ouro Preto. Segundo Manuel Bandeira, o altar-mor é moderno e os laterais mais antigos.

Santa Cruz — Existem duas capelas sob esta invocação. Furtado de Meneses fornece as seguintes informações: “Na rua do Resende (principal do Alto da Cruz), existe uma capelinha de Santa Cruz, pertencente à Irmandade de N. S.^a do Rosário e provavelmente tão antiga como a Capela de Santa Efigênia, e talvez mesmo mais antiga. Na ladeira do padre Faria ha uma capelinha de Santa Cruz que achando-se em ruínas foi reconstruída em 1903”.

Nosso Senhor do Bonfim — Situada na rua da Glória. Aqui os condenados à morte, em fins do século XVIII, ouviam missa antes de serem conduzidos à fôrça. No século XIX a fachada sofreu modificações.

São João (Batista) — Construída, segundo reza a tradição, pelos descobridores da Serra, sendo, assim, o templo mais antigo de Ouro Preto. Foi, no entanto, reconstruída em 1749. Guarda na sacristia uma curiosa imagem em cedro.

São Sebastião — Furtado de Meneses nos informa: “Diz a tradição que uma e outra dessas capelas são antiquíssimas e que a de S. Sebastião foi construída a princípio muito mais para baixo na encosta da montanha, sendo reconstruída, no alto, nos meados do século XVIII”.

OS PASSOS

Os Passos são pequenas capelas onde a procissão do Encontro, na Semana Santa, faz rápidas paradas. Ouro Preto possui seis passos — o de Antônio Dias, o da praça Tiradentes, o da rua Tiradentes, o de São José, o da Ponte Sêca e um outro nas Cabeças. Êsses Passos foram construídos entre fins do século XVIII e meados do século XIX.

ORATÓRIOS PARTICULARES

CONTA Furtado de Meneses que no início do século XVIII “a população da nascente Vila Rica foi alarmada pela aparição, ao cair da noite, de vultos sinistros que desciam das montanhas circunjacentes e faziam correrias com estranha algazarra tôda noite nas ruas estreitas”. Houve quem afirmasse ter visto êsses fantasmas, os quais tinham pés de pato, asas e chifres. Prêsa de terror e inquietação, a população pediu e obteve do Bispo licença para pôr oratórios nas casas, sobretudo nos prédios de esquina. Ao cair da noite, o povo se reunia diante dêsses oratórios e entoava cânticos para afugentar os maus espíritos. Na época era bem grande o número de oratórios em tôda a cidade. Atualmente restam apenas dois: o de N. S.^a do Bom Despacho, na esquina



Igreja de N.S. do Pilar

da rua Bernardo de Vasconcelos com a rua dos Paulistas e o de Santa Cruz, na esquina da rua Barão do Ouro Branco com o Vira-Saia.

MONUMENTOS CIVIS

Casa dos Contos — Construção concluída em 1787. O projeto é atribuído, por Diogo de Vasconcelos, a Antônio Ferreira de Sousa Calheiros. Mandou-a construir João Rodrigues de Macedo, que ali residiu e estabeleceu a administração dos seus negócios de contratos das entradas e dízimos. Serve hoje à Administração dos Correios. Considerada por alguns autores o mais belo exemplar da construção civil de Ouro Prêto. Nesta casa foi encontrado enforcado o poeta inconfidente Cláudio Manuel da Costa.

Palácio dos Governadores — Construído em meados do século XVIII, sob planta do sargento-mor José Fernandes Pinto de Alpoim, assinada em 13 de junho de 1741. A obra dos baluartes foi contratada em 1749 com Manuel Francisco Lisboa. O Palácio abrigou os governadores, desde Bobadela, os presidentes da Província e os presidentes republicanos até 1898, quando a capital se mudou para Belo Horizonte. Funciona hoje neste prédio a Escola de Minas.

Antigo Paço Municipal (Museu da Inconfidência) — Construção iniciada em 1784 e concluída em 1846. O prédio serviu de paço municipal e cadeia. Abriga hoje o Museu da Inconfidência, criado pelo Decreto -lei n.º 965, de 20 de dezembro de 1938, no qual ficou assentado a instalação, pelo governo federal, de

um museu em Ouro Prêto, destinado a “coleccionar as coisas de várias naturezas relacionadas com os fatos históricos da Inconfidência Mineira e com seus protagonistas e, bem assim, as obras de arte ou de valor histórico que constituam documentos expressivos da formação de Minas Gerais”. O Museu guarda, desde 1942, os despojos dos Inconfidentes e reúne em seu acervo peças do mais alto valor artístico e histórico. O primeiro pavimento dispõe de nove salas, onde estão reunidos elementos da arte barroca e da arquitetura colonial, liteiras, serpentinas de arruar, objetos de usos domésticos, arreios, lanternas, lâmpadas a óleo. Salas especiais são consagradas ao Aleijadinho e aos Inconfidentes. Referentes a êstes últimos existem peças preciosas: autógrafos de Tiradentes e de outros conjurados, fragmentos da fôrça na qual foi morto Tiradentes, um mapa desenhado pelo poeta Cláudio Manuel da Costa, a edição original da *Marília de Gonzaga*. No segundo pavimento há sete salas, nas quais estão recolhidas valiosas pinturas e imagens, variadas peças do mobiliário doméstico e religioso, obras de ourivesaria.

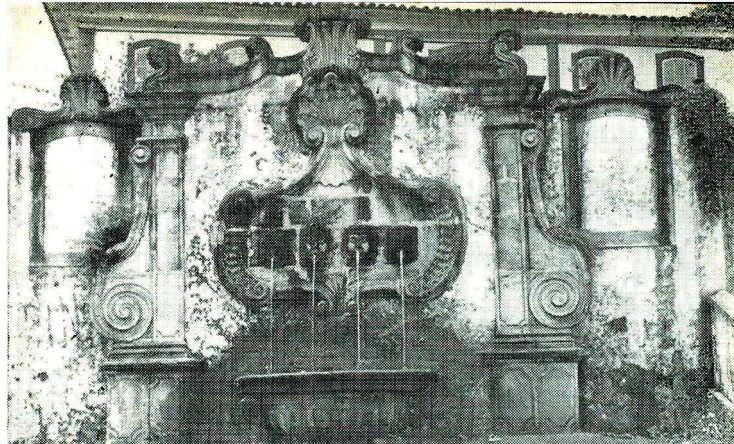
OS CHAFARIZES

A CIDADE de Ouro Prêto é servida por excelente água potável. Manuel Bandeira, comentando as impressões do inglês Richard Francis Burton sobre a cidade, quando a visitou em 1867, acrescenta: “o latinista não perdoa o mau latim dos chafarizes”. Citando os hexâmetros da fonte dos Contos, graceja: “A água é melhor que a latinidade. Aliás, seria difícil encontrar fora do século de Augusto, latinidade com a pureza da água de Ouro Prêto”. Essas velhas fontes, partes imprescindíveis da paisagem urbana local, trazem ainda hoje à cidade sua água pura e cristalina. São os seguintes os chafarizes existentes em Ouro Prêto:

O da Rua da Glória — Traz a data de 1753. Restaurado em 1937 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN).

O do Rosário — Em ruínas atualmente. Faltam-lhe o tanque e as torneiras. A cruz primitiva foi substituída por uma de cimento.

O da Matriz de Antônio Dias — Na rua de Antônio Dias.



Chafariz de Marília

O da Rua Barão de Ouro Branco — Traz a data de 1761.

O da Rua das Flôres — Restaurado em 1937 pela IMN.

O do Largo de Marília — Construção iniciada em 1759. Reparado em 1935-36 pela IMN, sendo restabelecido o abastecimento de água.

O do Passo de Antônio Dias — Traz a data de 1752.

O dos Contos — Traz a data de 1760, embora a obra tenha sido rematada em 1745 por João Domingues Veiga. É o mais belo da cidade. Restaurado em 1935/36 pela IMN.

O do Jardim Botânico (hoje Instituto Barão de Camargo) — Aníbal Matos refere-se a este chafariz nos seguintes termos: “não é elegante pois lhe falta a devida altura em relação à largura”.

O da Praça Tiradentes — Restaurado pela IMN, sendo restabelecido o abastecimento de água.

O do Alto da Cruz do Padre Faria — Construído em 1757.

O das Águas Férreas — Construído em 1806.

O do Largo de Frei Vicente Botelho — Aníbal Matos considera-o singelo e belo, embora ostente uma cruz demasiadamente grande para sua forma arquitetônica.

O do Alto das Cabeças — Obra arrematada em 1763 por Francisco de Lima.

O do Pissarrão — Construção arrematada por Manuel Francisco Lisboa em 1758.

AS FONTES

A do Alto do Padre Feijó (Fonte de Moças) — Construída em 1742 por João Domingues Vieira.

A do Fundo do Padre Faria — Obra arrematada em 1744 por João Domingues Vieira.

A de Henrique Lopes — Executada por Luís Fernandes Calheiros em 1739.

AS PONTES

Os córregos de Ouro Preto, formados pelas águas que descem das montanhas, motivaram a construção de inúmeras pontes, que foram surgindo à medida que a cidade crescia. São as seguintes as velhas pontes de Ouro Preto:

Do Rosário ou do Caquende — Construída em meados do século XVIII. Possui uma grande arcada e tem na balaustrada uma cruz.

Do Funil e da Barra — Ambas sôbre o ribeirão do Funil. A segunda data de 1806.

Dos Contos — Construída em 1744-45.

Do Antônio Dias — Também chamada de Marília. Data de 1755.

Do Padre Faria — Construída em meados do século XVIII. Em 1937 foi restaurada pela IMN.

Do Ouro Preto ou do Pilar — Construção de 1757.

Do Xavier — A atual é recente. A primitiva era de madeira.

Do Palácio Velho e Ponte Sêca.

OUTROS ASPECTOS DA CIDADE

Monumento a Tiradentes

ERGUE-SE na praça da Inconfidência, tendo sido inaugurado em 21 de abril de 1894. Seu autor foi Virgílio Cestari. Tem 19 metros



Museu da Inconfidência

de altura e 196 metros quadrados de base. A figura de Tiradentes, fundida na Itália, mede dois metros e oitenta e cinco centímetros. Assim a descreve Aníbal Matos: "Sua barba e seus cabelos compridos dão-lhe o aspecto do Nazareno. A alva cobre-lhe o corpo e o barão coleia-lhe o pescoço. Impassível e silenciosamente ouve a leitura de sua sentença de morte".

Hotéis

OURO Preto dispõe de 3 hotéis e pode oferecer ao visitante os melhores meios de hospedagem. O Grande Hotel, construído dentro das linhas mais ousadas da arquitetura moderna, é na paisagem urbana local um elemento original e uma comparação viva entre o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. O Pousado Chico-Rei apresenta todo o encanto da arquitetura e mobiliário coloniais.

Cultura

OMUNICÍPIO conta com várias bibliotecas, destacando-se entre elas a da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil (especializada), com perto de 30 000 volumes, e a da Escola de Farmácia de Ouro

Prêto (especializada), com 7 000 volumes. Quanto a publicações, edita-se a "Revista da Escola de Minas", bimensal, de caráter técnico. Mantém ainda os cursos: de Formação de Geólogos e Técnico de Mineração e Metalurgia.

Festas Tradicionais

CIDADE rica de tradições religiosas, Ouro Prêto realiza na Semana Santa, com suas procissões, uma das mais fiéis e fervorosas representações do drama da Paixão do interior mineiro, atraindo nessa época grande número de forasteiros e turistas.

Com festejos populares, Ouro Prêto apresenta, anualmente, o Zé Pereira e as Cavalhadas. O primeiro, realizado no período compreendido entre 1.º de janeiro e carnaval, consiste de um grupo de pessoas trajadas de casacos e cartolas, de diversas cores, e que percorrem as ruas tocando clarins e tambores, tendo à frente dois bonecos, com aproximadamente três metros de altura, e que representam o Zé Pereira e uma Baiana. No interior desses bonecos alojam-se as pessoas que lhes dão os movimentos. O segundo, realizado em setembro, é composto de cavaleiros, representando episódios das Cruzadas. As roupas dos participantes são vistosas e coloridas e os animais são ricamente ajaezados.

MEIOS DE TRANSPORTE

O TERRITÓRIO do Município é cortado por uma rede de 260 quilômetros de estradas de rodagem, sendo 36 quilômetros de administração federal, 121 estadual e 103 municipal.

É servido, também, pela Estrada de Ferro Central do Brasil, dispondo ainda de um campo de pouso. Liga-se aos municípios vizinhos, à capital estadual, à capital federal e ao Rio de Janeiro pelos seguintes meios de transporte:

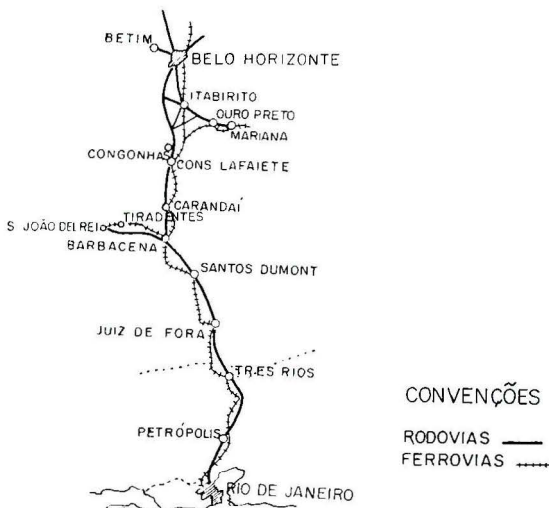
Belo Vale — Ferrov. EFCB via Miguel Burnier e Joaquim Murtinho (115 km — 3h 45m).

Congonhas — Rodov. MG/56 MG/138 — MG/6 — BR/3, via Cachoeira do Campo, Engenheiro Corrêa e Ponte dos Arcos (80 km — 2h. 00m), ou rodov MG/56 e BR/3, via Ita-

birito (120 km — 3h 00m), ou ferrov. via Miguel Burnier e Joaquim Murtinho (72km — 2h 30m) .

Conselheiro Lafaiete — Rodov. MG/56 — MG/138 — MG/6 — BR/3 (90km — 2h 30m), ou rodov MG/56, BR/3, via Itabirito (140km — 3h 30m) ou ferrov. EFCB (79km — 3h 00m) .

Itabirito — Rodov MG/56 (41km — 1h 00m), ou ferrov. EFCB via Miguel Burnier (68km — 2h 55m) .



Mariana — Rodov. MG/56 (12km — 0h 20m), ou ferrov. EFCB (18km — 0h 50m) .

Ouro Branco — Rodov. (32km — 1h 00m), misto: a) ferrov. EFCB via Miguel Burnier até Lobo Leite (58km — 1h 15m) e b) rodov Mun. (15km — 0h 25m) .

Piranga — Rodov. Mun. (82km — 2h 30m), ou misto: a) ferrov EFCB até Conselheiro Lafaiete (79km — 3h 00m) e b) rodov. Mun. (96km — 3h 00m) .

Santa Bárbara — Rodov MG/56, Mun. via Mariana e Santa Rita Durão (78km 2h 50m), ou rodov. MG/56 — BR/3 — MG/5, via Belo Horizonte (213km — 5h 00m), ou ferrov. EFCB via Sabará (203km — 8h 30m) .



Casa onde residiu Tomás Antônio Gonzaga

Capital Estadual — Rodov. MG/56 — BR/3 (101km — 2h 50m), ou ferrov. EFCB (149km — 6h 00m).

Capital Federal (Brasília) — Via Belo Horizonte, já descrita. Daí ao DF Rodov. MG/1 — BR/7, via Paraopeba, Três Marias, Paracatu e Cristalina (GO) — (743km — 13h 00m), ou aéreo Real, Panair, Vasp (589km — 1h 50m).

Rio de Janeiro — Rodov. MG/56 — BR/3 e BR/1, via Conselheiro Lafaiete (513km — 11h 30m), ou ferrov. EFCB (540km — 13 h 15m).

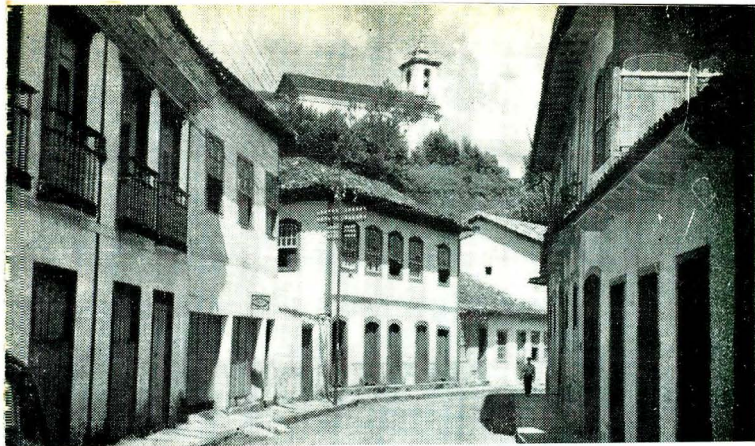
ASPECTOS FÍSICOS

A CIDADE está assentada ao norte do vale do ribeirão do Funil. Eleva-se, ao norte, a serra de Ouro Preto, cuja crista atinge quase 1 600 metros. Ao sul ergue-se outra cadeia de montanhas, em que sobressai o pico do Itacolomi, que sobe a 1 980 metros. Entre essas montanhas estende-se o vale amplo, com elevações que variam entre 1 100 m e 1 150 metros.

Além do ribeirão do Funil, banham o Município os rios das Velhas, Piracicaba, Gualaxo, Mainart.

CLIMA

O CLIMA pode ser classificado de subtropical com tendência para temperado, possuindo temperatura que varia em média entre 14°C, no inverno e 20°C no verão. Os meses mais frios são junho e julho, quando o termômetro chega a descer, às vezes, a 2°C durante a noite. No inverno ocorrem geadas. O período das chuvas vai de outubro a março.



Vista parcial

POPULAÇÃO

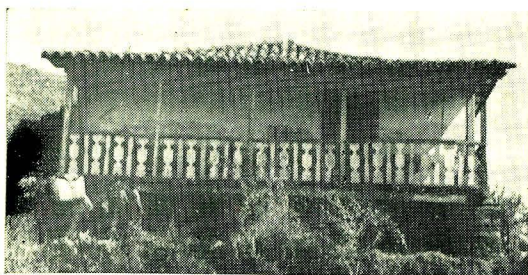
CONTAVA Ouro Prêto, na data do Recenseamento Geral de 1950, 32 859 habitantes. Posteriormente, sofreu desmembramento do distrito de Ouro Branco, elevado a Município, que contava, naquela data, 4 266 habitantes. Em consequência disso, segundo estimativa do Departamento Estadual de Estatística para 1958, sua população era de 32 553 habitantes apenas.

Com base nos dados do Recenseamento de 1950 e considerando-se a divisão territorial do Estado naquela data, verifica-se que a composição da população municipal segundo a cor, a religião e a nacionalidade era a seguinte: branca 41%; preta e parda, 59%; católicos romanos, 98%; brasileiros natos, 99,6%.

Levando-se em conta o desmembramento do distrito de Ouro Branco, observa-se que 37% da população localiza-se no quadro urbano e 11% no quadro suburbano (cidade e vilas). No quadro rural concentra-se 52% da população enquanto que em todo o Estado de Minas Gerais, 70% da população está no quadro rural.

ECONOMIA MUNICIPAL

O MUNICÍPIO tem como principais ramos de atividades econômica a agropecuária, as indústrias extrativas e de transformação, comércio de mercadorias, transporte e comunicações e prestação de serviços (este último em grande parte decorrente do movimento turístico).



Casa dos Inconfidentes

Indústria extrativa

EM 1958, segundo elementos do Registro Industrial, referente a estabelecimentos que ocupam 5 ou mais pessoas, existiam 21 estabelecimentos de indústrias extrativas, os quais ocupavam, em conjunto, 527 operários. Nesse ano o valor total da produção foi de 67 milhões de cruzeiros.

São os seguintes os minerais que sofrem extração regular em Ouro Preto: dolomita, mármore, minério de ferro, minério de manganês, talco, bauxita e cristal de rocha.

Indústria de transformação

EM 1958, segundo ainda dados do Registro Industrial, existiam no Município 18 estabelecimentos de indústria de transformação, ocupando, em conjunto, 1 273 operários. O valor total da produção dessa classe de indústria foi, nesse ano, de 476 milhões de cruzeiros. Os sub-ramos da indústria de transformação são os seguintes: transformação de minerais não metálicos, metalúrgica, madeira, mobiliário, couros e peles e produtos similares, têxtil e vestuário, calçado e artefatos de tecidos. Destacam-se, entretanto, as indústrias têxtil e metalúrgica, especialmente esta última, que contribuiu em 1958 com 86% para o valor total da produção das indústrias de transformação.

A indústria metalúrgica produz ferro gusa, aço e ferro fundidos, ligas de ferro cromo, ligas de ferro manganês, ligas de ferro silício, ligas de ferro silício manganês, ligas de ferro Spiegel e alumínio (lingotes, estrélas, grenalha e alumina calcinada).

Agropecuária

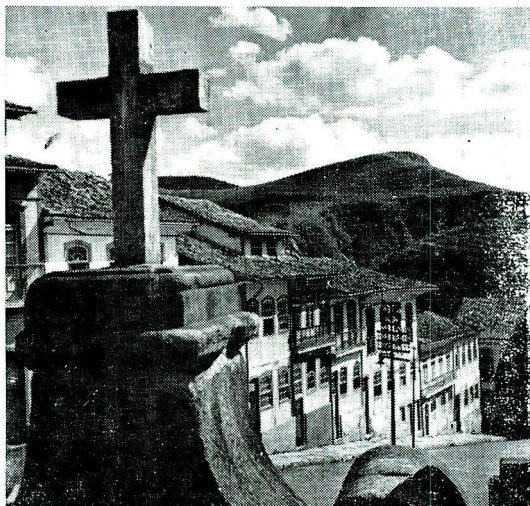
EM 1957, o valor da produção referente às principais culturas do Município foi de 74 milhões de cruzeiros. Dêste total, 66 milhões de cruzeiros couberam ao milho, batata-inglesa, laranja, chá-da-índia, alho e arroz.

Ouro Preto é o maior produtor de chá-da-índia no Estado e o segundo no Brasil. Em 1957, o Município produziu 68 000 quilos de chá-da-índia, no valor de 5 440 milhares de cruzeiros.

A pecuária é constituída, em sua grande maioria, de gado comum originado do cruzamento das mais variadas raças. O principal rebanho, o bovino, é criado para o corte dos matadouros locais, para o trabalho da lavoura e para produção de leite e seus derivados.

Em 1958 existiam em Ouro Preto 21 500 cabeças de bovinos, 2 600 de eqüinos, 150 de asininos, 3 100 de muares, 8 000 de suínos, 300 de ovinos e 150 de caprinos. Tôda a população pecuária foi estimada nesse ano em 109 milhões de cruzeiros.

A produção de leite em 1957 atingiu 800 000 litros, no valor de 5 milhões de cruzeiros.



Vista parcial da cidade

Comércio e bancos

O MUNICÍPIO conta com cerca de 158 estabelecimentos comerciais, sendo 9 atacadistas. Dêses estabelecimentos, 89 de comércio varejista e 89 de comércio atacadista estão instalados na cidade de Ouro Prêto. O serviço bancário está a cargo de duas agências(Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais e Banco da Lavoura de Minas Gerais) e dois correspondentes. Há ainda uma agência da Caixa Econômica Estadual.

FINANÇAS

No período de 1955/59 as finanças do Município atingiram as seguintes cifras (dados fornecidos pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças e Inspetoria Regional de Estatística Municipal) :

ANOS	FINANÇAS (Cr\$ 1 000)			
	Receita arrecadada		Despesa realizada	Saldo ou "déficit" do balanço
	Total	Tributária		
1955.....	3 718	1 655	3 656	+ 62
1956.....	3 887	1 661	4 031	- 144
1957.....	5 327	2 348	5 272	+ 55
1958.....	6 594	3 445	5 685	+ 909
1959*	5 500	2 632	5 500	-

* Orçamento.

As principais contas em que se decompõe a receita tributária orçada para 1959 são as seguintes:

	(Cr\$ 1 000)
Tributária	2 632
Impostos	2 165
Sobre indústrias e profissões ..	800
Predial	600
Sêlo	320
Sobre minério	170
De licença	125
Turismo e hospedagem	100
Territorial	25
Jogos e diversões	25
Taxas	467
Rodoviária	250
Melhoramentos	150
Viação	65
Fiscalização e serviços diversos	2



Muralha da Escola de Minas — Desenho de Aníbal Matos

A despesa municipal, em 1959, acha-se distribuída conforme podemos observar pelos dados abaixo, segundo os serviços (dados fornecidos pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças) :

	(Cr\$ 1 000)
Despesa total	5 500
Administração Geral	846
Serviços de utilidade pública	2 094
Serviços industriais	1 073
Educação pública	740
Encargos diversos	418
Exação e fiscalização financeira	276
Segurança pública e assistência social	48
Fomento	5

ENSINO

EM 1956, contava o Município com 64 unidades escolares de ensino primário fundamental comum. O número de professores de ensino primário ascendia a 137 e de alunos matriculados, a 4 436.

Com base nos dados censitários de 1950, pode-se estimar que, atualmente, a percentagem de pessoas alfabetizadas no Município seja superior a 60%, quota observada naquele ano (calculada sôbre o total das pessoas presentes de 10 anos e mais).

O ensino médio é ministrado por 4 unidades de ensino ginásial, 2 de ensino colegial, 1 de ensino normal e 1 de ensino industrial. Em 1958, o corpo docente desses estabelecimentos era de 95 professores e o número de alunos matriculados, 1 260.

Pelos estabelecimentos de ensino secundário e superior que possui, Ouro Preto é centro de atração cultural, abrigando apreciável número de estudantes, procedentes de diversos pontos do País e do exterior.

No antigo Palácio dos Governadores, à praça Tiradentes, acha-se instalada a Escola Nacional de Minas e Metalurgia, hoje desligada da Universidade do Brasil, onde se preparam engenheiros de minas, civis, industriais, geógrafos e agrimensores, sendo ainda mantido um curso de Metalurgia. A Escola foi criada por ato de D. Pedro II em 1876 e fundada pelo engenheiro H. Gorceix.

Na antiga Chácara dos Monges funciona a Escola de Farmácia de Ouro Preto, federal, criada em 1839.

FONTES

As informações estatísticas divulgadas neste trabalho foram, na sua maioria, compiladas e fornecidas pela Agência Municipal de Estatística de Ouro Preto, órgão integrante do sistema estatístico brasileiro. Outras fontes: Serviço de Estatística da Produção (Ministério da Agricultura); Serviço de Estatística Econômica e Financeira (Ministério da Fazenda); Serviço de Estatística da Educação e Cultura (Ministério da Educação e Cultura).

Vários autores consultados estão citados no texto da monografia.

ESTA publicação faz parte da série de monografias municipais organizada pela Diretoria de Documentação e Divulgação do Conselho Nacional de Estatística. A nota introdutória, sobre aspectos da evolução histórica do Município, corresponde a uma tentativa no sentido de sintetizar, com adequada sistematização, elementos esparsos em diferentes documentos. Ocorrem, em alguns casos, divergências de opinião, comuns em assuntos dessa natureza, não sendo raros os equívocos e erros nas próprias fontes de pesquisa. Por isso, o CNE acolheria com o maior interesse qualquer colaboração, especialmente de historiadores e geógrafos, a fim de que se possa divulgar de futuro, sem receio de controvérsias, o escôrcço histórico e geográfico dos municípios brasileiros.

PUBLICAÇÕES À VENDA NO CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

<i>Atlas do Brasil</i> — Edição de bolso	200,00
<i>Atlas de Relações Internacionais</i>	600,00
<i>Enciclopédia dos Municípios Brasileiros</i> — Cada volume	600,00
<i>Anuário Estatístico do Brasil</i> — 1960	400,00
<i>Manual do Agente Municipal de Estatística</i>	350,00
<i>Produção Industrial Brasileira</i> — 1958	300,00
<i>Vocabulário Brasileiro de Estatística</i> — MILTON DA SILVA RODRIGUES	150,00
<i>Pontos de Estatística</i> — VIVEIROS DE CASTRO	400,00
<i>Exercícios de Estatística</i> — VIVEIROS DE CASTRO	400,00
<i>O Brasil em Números</i>	250,00
<i>Bibliografia Geográfico-Estatística Brasileira</i> (1936/50)	130,00
<i>Teoria dos Levantamentos por Amostragem</i> — WILLIAM MADOW	120,00
<i>Ferrovias do Brasil</i>	100,00
<i>O Mundo em Números</i>	100,00
<i>Nomenclatura Brasileira de Mercadorias</i>	100,00
<i>Técnica de Chefia e Comando</i> — Celso de Magalhães (4. ^a edição)	100,00
<i>A Fecundidade da Mulher no Brasil</i> — GIORGIO MORTARA	90,00
<i>Curso Elementar de Estatística Aplicado à Administração</i> — GIORGIO MORTARA	80,00
<i>Vida e Morte nas Capitais Brasileiras</i> — LINCOLN DE FREITAS	80,00
<i>Geografia dos Preços</i> — MOACYR MALHEIROS DA SILVA	80,00
<i>Divisão Territorial do Brasil</i> — 1960	250,00
<i>Estatística do Comércio Exterior: volumes trimestrais</i> , cada	60,00
<i>Fórmulas Empíricas</i> — T. RUNNING	40,00

PERIÓDICOS

<i>Revista Brasileira de Estatística</i> — (assinatura anual)	160,00
<i>Revista Brasileira dos Municípios</i> — (assinatura anual)	160,00
<i>Boletim Estatístico</i> (assinatura anual)	200,00

Vendas mediante remessa da importância em cheque ou vale postal, a favor de CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (Av. Franklin Roosevelt, 166 — Rio de Janeiro). Os funcionários do sistema estatístico, os professores e alunos de cursos oficiais de estatística e os sócios quites da Sociedade Brasileira de Estatística têm direito a um desconto de 50%, exceto para o Anuário Estatístico, periódicos e "Produção Industrial Brasileira — 1958".

Presidente: Rafael Xavier

Secretário-Geral: Raul Lima

COLEÇÃO DE MONOGRAFIAS

(3.^a série)

200 — Caiçara. 201 — Macaé. 202 — Itaqui. 203 — Antônio Prado. 204 — Camaçari. 205 — Belo Horizonte. 206 — Ituberá. 207 — Minduri. 208 — Valença. 209 — Humberto de Campos. 210 — Barreirinhas. 211 — Japaratuba. 212 — Canavieiras. 213 — Tupã. 214 — Pombal. 215 — Jucás. 216 — Mandaguari. 217 — Pará de Minas. 218 — N. S.^a das Dores. 219 — Serra Negra. 220 — Caucaia. 221 — Rio de Contas. 222 — Itaparica. 223 — São Gabriel. 224 — Simão Dias. 225 — Recife. 226 — Caculé. 227 — Paudalho. — 228 — Palmeira dos Índios. 229 — Manacapuru. 230 — Barreiros. 231 — Curitiba. — 232 — Ouro Preto.

Acabou-se de imprimir, no Serviço Gráfico do IBGE, aos dois dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e um.